

Tramas da Cultura Brasileira

Patrícia Carla de Melo Martins¹
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)
pcmmartins.pesquisa@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma entrevista realizada entre a professora de História Patrícia Martins e o professor Alexander Ortega, na qual são discutidos os principais eixos históricos que contribuíram para a formação da personalidade e da identidade cultural brasileira. A entrevista aborda o impacto da colonização portuguesa, da escravidão africana e da presença dos povos indígenas na organização social do Brasil, destacando que a sociedade brasileira foi estruturada a partir de uma longa experiência escravocrata, cujas consequências raciais e culturais persistem até a atualidade. A professora entrevistada enfatiza as formas de resistência negra e indígena, como as revoltas populares, a formação dos quilombos e a preservação de cosmologias próprias, frequentemente silenciadas pela história oficial. Outro aspecto central da entrevista é a miscigenação, compreendida como elemento constitutivo de uma identidade nacional complexa, marcada por tensões entre discursos hegemônicos de matriz europeia e práticas culturais sincréticas. A entrevista também discute a ocupação do território, os processos de exploração econômica e os conflitos contemporâneos envolvendo populações indígenas. Por fim, o texto propõe compreender a personalidade brasileira como multifacetada, resultante de disputas históricas, de relações de poder e de contínuos processos de resistência e reinvenção cultural.

Palavras-chave: colonização; escravidão; identidade cultural; resistência negra e indígena. miscigenação.

The Fabric of Brazilian Culture

Abstract: This article presents an interview conducted between historian Patrícia Martins and Professor Alexander Ortega, in which the main historical axes that contributed to the formation of Brazilian personality and cultural identity are discussed. The interview examines the impact of Portuguese colonization, African slavery, and the presence of Indigenous peoples on Brazil's social organization, emphasizing that Brazilian society was shaped by a long-lasting slave-based system whose racial and cultural consequences persist to the present day. The interviewee highlights forms of Black and Indigenous resistance, including popular revolts, the formation of quilombos, and the preservation of distinct cosmologies that have often been silenced by official historiography. Another central theme of the interview is miscegenation, understood as a constitutive element of a complex national identity marked by tensions between hegemonic discourses of European origin and syncretic cultural practices. The interview also addresses territorial occupation, economic exploitation, and contemporary conflicts involving Indigenous populations. Finally, the text proposes understanding Brazilian personality as multifaceted, resulting from historical disputes, power relations, and continuous processes of resistance and cultural reinvention.

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho e em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), atuando no Curso de Ciências Humanas (Campus Pinheiro) e no Programa de Pós-Graduação em História (Campus São Luís/Bacanga). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5858925631345068> Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3174-0613>

Keywords: colonization; slavery; cultural identity; Black and Indigenous resistance; miscegenation.

Entrevista profa. Patricia C.M. Martins.

6 de fevereiro de 2024, estamos aqui em São Luís do Maranhão, com a profa. Patrícia Carla de Melo Martins, professora de História da UFMA, Campos de Pinheiro, é eu, Alexander Ortega para uma entrevista para a revista OjoVulgar.

Quais os feitos históricos que determinaram a personalidade do Brasil?

A Colonização! É importantíssimo pensar a colonização portuguesa sobre o Brasil e seus desdobramentos na formação da identidade nacional. Esse seria um primeiro eixo, e posso falar um pouco mais sobre isso. A organização social do Brasil se dá dentro das dinâmicas da sociedade escravocrata durante quatro séculos, se inicia com a colonização, que vai de 1500 até 1808, quando a corte portuguesa chega no Brasil, fugindo das tropas napoleônicas, e durante todo o século XIX no Brasil Imperial. O Brasil é o país que aplicou a mão de obra escravizada africana em maior escala na América. Em outras localidades da América, havia um questionamento maior em torno do uso da mão de obra escravizada africana. Por isso, o Brasil é hoje o país, fora do continente africano, que apresenta a maior população negra do mundo. A população brasileira é majoritariamente constituída pela população negra, ainda vítima de exclusão e preconceito racial.

No Brasil, nós tivemos um reforço do uso da mão de obra africana escravizada, intensificada no século XIX, e isso teve consequências na dinâmica da realidade social que se estende para os dias de hoje. É dentro deste contexto que surgem as revoltas e as manifestações populares, que configuram um outro aspecto da personalidade brasileira pouco retratada pela história oficial.

As revoltas e os movimentos de contestação da ordem, a formação dos quilombos, a resistência negra se organizou sob uma cosmologia particular. E é importante também entender que no Brasil o conceito de negritude envolve a participação da população nativa, ou seja, dos povos indígenas. A população indígena também está dentro dessa concepção de negritude, principalmente na região nordeste e norte e também colabora com a produção de sentidos demarcados pelo pensamento mítico.

O Brasil é composto por três grupos étnicos e cada um desses grandes eixos tem suas subdivisões. A população europeia está subdividida em vários grupos e as populações africanas e indígenas também estão subdivididas em vários grupos, os quais em território brasileiro passaram por vários processos de miscigenação tornando a subjetividade das relações socioculturais bastante complexas.

Contudo, o reconhecimento da estrutura social se dá a partir de um poder instituído. A normatização executada pelos portugueses se deu pela erudição e pela força militar. Essa estrutura

atravessou os séculos e chega na atualidade, reafirmando a identidade branca que inferioriza os valores da cultura afrodescendente e dos povos nativos.

Da mesma forma como faziam os espanhóis, também os portugueses construíram bases militares para assegurar o domínio comercial sobre o território brasileiro. Sim, as cidades no Brasil eram verdadeiras bases militares mantidas pelos portugueses. Sim, tinham como finalidade o domínio do território, a ocupação e a exploração comercial dos recursos naturais. Eles ocuparam mais especificamente as regiões litorâneas até a chegada das ferrovias, e esse é um outro dado interessante da história.

Os portugueses, ocupam um território muito pequeno na Europa. Portugal é um local muito pequeno. Então a população masculina portuguesa, é pequena. A colonização no Brasil foi uma colonização genuinamente de exploração, realizadas por homens, quero dizer, pessoas do sexo masculino.

A colonização brasileira foi feita por homens portugueses, eles não vinham acompanhados da família, de esposa e filhos ou outros parentes próximos envolvendo crianças e idosos, como aconteceu, por exemplo, com a colonização espanhola. A presença do homem branco português, no Brasil, favoreceu a miscigenação entre europeus e a população africana e nativa, gerando relações de preconceito e violência simbólica de cunho étnico racial dentro da própria família. Esse tipo de miscigenação marcou a formação da identidade nacional, nossos hábitos e costumes cotidianos, a intimidade doméstica, a forma de lidar com as doenças, de se proteger e entender o mundo, nossa sexualidade e nossa criatividade. Em todas as áreas da expressão artística temos a presença da cultura afro descende e indígena, sobretudo no campo da cultura popular. A cultura indígena e afrodescendente pode ser reconhecida a partir dos estudos regionais, ela está presente nas distintas áreas da cultura local. A configuração geográfica do Brasil favoreceu a permanência da tradição cultural desses povos, em algumas regiões onde a modernidade se faz incipiente ainda temos a presença da cultura indígena e africana, representando um mecanismo de resistência à colonização europeia.

Sabemos que o Brasil possui um vasto território, que o Brasil é um país continental, que ocupa quase todo o território da América do Sul. Temos uma grande extensão litorânea, voltada para o Atlântico Sul e uma grande extensão para o interior, por onde se distribuía vários grupos indígenas com características próprias. A população indígena era muito densa e quantitativamente bem distribuída, bem alocada, que se rebelou diante da presença dos portugueses, eles reagiram quando perceberam que estavam sendo explorados, quando seus recursos naturais começaram a se esgotar pelo interesse comercial europeu, e passaram a não aceitar a presença dos portugueses. Boa parte da população indígena, eu estou falando aqui de vários grupos indígenas, lutaram contra o invasor e

foram gradualmente exterminados. A população indígena do litoral foi o primeiro grupo exterminado, mas ainda temos seus resquícios culturais entre a chamada população caiçara, colocada na marginalidade, que vive de forma rudimentar, voltada para a pesca. É importante ressaltar ainda que houve um encontro entre a população nativa e a população negra, na formação dos quilombos, nos locais de refúgio e de difícil acesso, onde a população branca não chegava.

Na região Nordeste, Norte e Centro Oeste, por exemplo, ainda temos uma presença expressiva da cultura negra composta por afrodescendentes e nativos. Os processos de ocupação dos territórios indígenas ainda estão acontecendo, principalmente no território dos estados do Amazonas, Pará, Acre, Mato Grosso, por exemplo. Tivemos no século XX, a ocupação dos territórios da Amazonia legal, localizados atualmente no estado do Amazonas, Rondônia, Pará Acre, Roraima. Essas regiões interioranas fazem limite com outros países da América Latina, estão demarcadas pela presença indígena, num processo de disputa com a população branca que está ligada atualmente ao agronegócio voltado para monocultura e a exploração de recursos naturais destinados à exportação. De acordo com os estudos antropológicos, a divisão política do território brasileiro já existia antes mesmo da chegada dos europeus, o que demonstra o poder de resistência da cultura indígena local, não reconhecida pelos órgãos do poder político instituído, que atribuíram outros sentidos e significados ao território tradicionalmente ocupado pela população nativa, ou seja, pelos povos originários.

Podemos dizer que havia uma estrutura de poder que envolvia os povos andinos, antes da colonização. Essas fronteiras entre o território brasileiro e os demais territórios da América do Sul, já existiam antes da chegada dos europeus. O território brasileiro era ocupado pelos povos do tronco linguístico Tupi e Guarani, no momento da invasão europeia, e eles tinham grande projeção no interior do território por onde passou a se afirmar o domínio militar europeu.

Ao identificarmos a divisão política do Brasil e demais países da América, sob a perspectiva da presença dos grupos étnicos nativos, o que podemos perceber? A fronteira política do Brasil, assim como boa parte da fronteira política dos demais países da América Latina, América Central e América do Norte, de alguma maneira, segue a distribuição dos povos nativos vigentes quando se iniciou a ocupação europeia.

Isso é muito interessante. Tem um autor chamado Pierre Chaunu, um francês, inclusive, que trabalha na perspectiva do estruturalismo da década de 1950 e 1960, da história quantitativa, ele reforça essa teoria de que a colonização e o domínio português e espanhol é uma invenção, construída pela narrativa histórica europeia.

Na verdade, o que havia eram pontos de colonização. O interior da América estava ainda sob o domínio da população indígena até o começo do século XX. Foi a presença das ferrovias, na segunda metade do século XIX, que garantiu a entrada dessa população branca, europeia, com seu

paradigma cultural, seu modelo de sociedade, de economia e política, para dentro da América. Bem, por um pouco que eu sei, de pronto, da época do Barroco, por exemplo, essas particularidades, quando se fala, por exemplo, de Aleijadinho, que esteve durante a época da colonização, se fala muito dessa influência europeia e de certos paralelismos que aconteciam no Brasil e, ao mesmo tempo, na Europa, e no resto da América Latina. O que se poderia dizer sobre... – A região de Aleijadinho, que é o interior... – Está na colônia ainda. – É colônia, é século XVIII, o Barroco.

O Barroco brasileiro aconteceu no século XVIII, e é considerado um Barroco tardio em relação ao Barroco na Europa que aconteceu no século XVII. O Barroco na Capitania de Minas Gerais, região do Aleijadinho, que realmente tem um valor artístico imenso, pela primeira vez deu visibilidade para uma localidade, do interior do Brasil. Foi a mineração que levou os portugueses para o interior do território, da mesma forma que a mineração hoje tem sido o principal motivo que leva a invasão dos territórios indígenas situados no interior da Floresta Amazônica. A exploração de minérios é ainda hoje o que provoca os piores impactos ambientais sobre o território brasileiro.

Mas voltando ao período colonial de Aleijadinho, com a queda da cana-de-açúcar no Nordeste, no final do século XVII, os portugueses começam a explorar o ouro de aluvião na região de Ouro Preto, interior de Minas Gerais. Ouro, inclusive, descoberto pela população negra. O chamado ouro de aluvião, tirado da margem dos rios era explorado no continente africano. Não havia aqui no Brasil jazigos de ouro como havia, por exemplo, em território colombiano e peruano, explorado pelos próprios povos nativos que dominavam a fundição do ouro e da prata nas regiões dos Andes há mais de um milênio antes da chegada dos colonizadores.

Os povos andinos dominavam a fundição, os povos do Brasil não dominavam a fundição. Não havia aqui jazigos de prata, ouro, cobre, como no restante da América Latina. Os nativos do território brasileiro utilizavam apenas a cerâmica e a cestaria em palha para a confecção dos artefatos de uso cotidiano e o mundo dele estava demarcado pelas forças da natureza, interpretada dentro de um percepção panteísta da realidade.

A população negra levada para a região de Minas Gerais, para o trabalho escravo, garantiu o processo de exploração do ouro de aluvião. E essa região se torna uma região muito rica, inclusive com a presença de populações negras qualificadas, instruídas que vão se projetar na arquitetura e na arte Barroca. Muitos artesãos mestiços situados na Escola de Artes e Ofício da Bahia, vão para a região de Ouro Preto.

Populações negras que tinham domínio da escrita, populações negras que dominavam as técnicas da fundição, que alcançaram a sua emancipação política pela qualificação profissional, mesmo no contexto da sociedade escravocrata migraram para Ouro Preto. E ali, pela primeira vez na história do Brasil, na segunda metade do século XVIII, temos uma projeção da população negra com

qualificações profissionais que tinham valor para época, junto com a concentração de uma elite intelectual portuguesa, presente nessa localidade para controlar o comércio de ouro e a sociedade local.

E me chama muito a atenção, volto à extensão do Brasil. Quales são as consequências hoje em dia? Se tocarmos o ponto da elite negra, que se concentrou nesse ponto em Minas Gerais, qual é a consequência hoje em dia? Nessa zona e em todo o Brasil?

Hoje, a população negra que mais tem representação cultural no Brasil é a população dos estados da Bahia, Pernambuco, Maranhão, eles estão concentrados nas grandes cidades do nordeste. Em Salvador, no século XIX, tivemos a Revolta dos Malês, com populações negras islamizadas que vieram do norte da África, que dominavam a escrita árabe, inclusive, eles conseguiram tomar a cidade de Salvador por um tempo. No Maranhão, Piauí e Pará tivemos a Balaiada e a Cabanagem, dois grandes movimentos que expressavam a identidade afro-indígena contra os interesses da exploração europeia. Embora apareçam como derrotados nos documentos oficiais do Império, produzido pela corte luso brasileira, foram vitoriosos quanto a ocupação do território, isso nos ajuda a entender porque a maior concentração de territórios quilombolas do Brasil se encontra atualmente no nordeste. A entrada da população negra nos portos de São Luís, nos portos de Salvador e Recife, foi uma das maiores da América, nas primeiras décadas do século XIX. Isso favoreceu a formação de uma sociedade demarcada pela presença da cultura negra não apenas enquanto povo escravizado, mas como portadores e difusores de uma identidade cultural, que vai se perpetuando aos poucos, primeiro no Nordeste e depois em outras localidades, a partir da década de 1850 com o avanço dos meios de transportes e comunicação.

E aí o que nós temos? Nós temos um poder hegemônico, um discurso hegemônico, que se dá principalmente por intermédio da escola, da educação básica, que começou a ser instaurada no Brasil em larga escala para e pela população branca a partir do século XX. E a população negra, mesma liberta, não teve acesso a educação, a população indígena menos ainda. Excluídos das escolas e das narrativas históricas a cultura afrodescendente e indígena foi negada, sob o domínio político da cultura europeia. Então, a partir disso, construiu-se uma identidade nacional demarcada pelos valores da população branca que olha para os grupos afrodescendente, afro indígena e indígena, como grupos socialmente e culturalmente inferiores.

E neste sentido, o Brasil apresenta uma personalidade ou identidade cultural multifacetada. Temos de um lado uma personalidade inventada pela historicidade da erudição, pela tradição escrita, produzida a partir das escolas e pelas instituições. Parte da população continua defendendo que o Brasil é um território a ser dominado e explorado, onde a cultura nativa deve ser exterminada, onde a cultura negra deve ser combatida, onde os recursos naturais são uma grande fonte de renda, de

enriquecimento e lucro. Por outro lado, temos uma personalidade miscigenada, vivida a partir de um sincretismo entre os nativos, africanos e europeus. A cultura brasileira, fruto desse sincretismo, é guiada por um pensamento mítico. O pensamento mítico se impõe sobre a vida cotidiana de pessoas com pouco estudo, demarca um território silencioso de devoções, cercado de rituais que dialogam com as necessidades do presente que envolve a prosperidade, o amor, a vida profissional, sorte, e outras bem-aventuranças, manipuladas a partir das práticas de assepsia envolvendo o uso de plantas naturais e mesmo pelo contato direto com a natureza.

Parte desse legado foi interpretado historicamente sobre os conceitos da teologia católica, fazendo ecoar a presença de uma identidade cristã que atravessa movimentos culturais e religiosos; outra parte, ganha espaço nos estudos interdisciplinares das Ciências Sociais e Humanas e busca a compreensão que os grupos atribuem as suas práticas e representações culturais. As canções populares, o samba, os festejos, as religiões mediúnicas, diretamente envolvida com a natureza, dotada de significados e sentidos religiosos mágicos, são observados na compreensão dessas outras estruturas identitárias bem como da interrelação entre elas.

Talvez isto seja um aspecto expressivo da nossa personalidade e identidade cultural, que demarca os sentidos de todos os povos que aqui estão, algo que não se traduz em palavras e que só pode ser vivido pela experiência sensorial dos lugares, de uma paisagem natural cujos sentidos e significados foi garantido, reinventado pela cultura local, cuja magnitude permeia a cultura regional, expressão de um processo histórico marcado por tensões e disputas, que continua sendo a expressão de uma resistência engajada na preservação dos recursos naturais, consubstanciada a nossa paisagem, reconhecida como fonte da continuidade da vida e dos sentidos a ela atribuída.